

PALÁCIO DAS LARANJEIRAS, RIO DE JANEIRO, RJ,

8 DE SETEMBRO DE 1997

Senhor Governador do Rio de Janeiro, meu amigo Marcello Alencar; Senhor Ministro Paulo Renato Souza; Senhores Agraciados aqui presentes; Senhor Ministro Malan; Doutor Roberto Marinho; Doutor Emílio Odebrecht; Carlos Eduardo Moreira Ferreira, pela Fiesp, Sesi; Demais Agraciados; Meu caro Amigo, Senador Artur da Távola, que vejo feliz, aqui, hoje, no nosso Rio de Janeiro; Senhores Parlamentares que aqui estão; Senhoras e Senhores,

O essencial já foi dito sobre o significado deste nosso encontro e desta premiação. Efetivamente, o nosso objetivo não é de agora, é um objetivo, no meu caso, que vem desde que me entendo por gente. Participei das campanhas pela educação de base, nos anos 50, e sempre foi nosso objetivo termos um país em que não houvesse o analfabetismo, uma chaga a limitar as nossas potencialidades nacionais, e em que fosse possível dar a oportunidade de escolarização a todos os brasileiros.

Estamos, pouco a pouco, chegando lá. Os dados que o Ministro Paulo Renato acaba de referir são alentadores. Ontem, Dia da Pátria, eu reuni, no Palácio da Alvorada, uma série de crianças que nós havíamos conseguido tirar do trabalho em situações penosas, nas carvoarias, nos

canaviais, no sisal. Já retiramos 30 mil crianças, dando bolsas às famílias e graças ao empenho imenso, não só da Secretária de Assistência Social do Ministério da Previdência, Doutora Lúcia Vânia, mas do Ministério da Educação, de criar condições para que essas crianças viessem a ser atendidas, porque, muitas vezes, nas áreas em que essas explorações ocorrem, não há escola suficiente. E foi um precioso trabalho extra do Ministério da Educação que estamos fazendo.

Os dados relativos ao número de crianças hoje abrangidas pelo sistema escolar brasileiro também são alentadores. As crianças em idade escolar já são 91% no primeiro grau, o que é bastante significativo. Nos Estados Unidos, são 95%. Na França, 95%. Na Coréia, 99%.

Ontem, eu disse que havia um desafio. Claro que foi traduzido como uma promessa minha. Não há o que fazer. Não entendem que não se fazem promessas, se fazem desafios e se pede à sociedade que, juntos, em parceria, lutemos contra um problema, que não é do Presidente, não é do Governo, é do País, e que precisa ser encarado como um problema nacional. E o desafio é que nós tenhamos as condições para, até o final do ano que vem, termos todas as crianças, estatisticamente falando, nas escolas.

Por que é que eu digo “estatisticamente falando” e por que eu mencionei o dado americano e o dado da França? É porque há sempre uma margem menor que escapa. Mas nós vamos atingir aquela proporção de crianças que um país avançado socialmente, avançado economicamente já atingiu, como é o caso dos países que eu mencionei aqui.

Não é uma promessa. Não cabe prometer isso. Cabe um esforço, que não é meu só, não. É de todos nós, do Ministro, dos que estão aqui presentes. Disse muito bem o Governador Marcello Alencar: o significado deste nosso encontro, aqui, é que essas pessoas, os agraciados e aqueles que promoveram as condições para que houvesse um avanço nas instituições públicas e privadas, nas empresas, nas fundações, aceitaram o desafio, que é um desafio nacional.

Eu gostaria de que todos os brasileiros aceitassem esse desafio, não porque fosse visto como uma promessa do Presidente ou do Ministro da Educação, para, no fim, cobrar: “Fez?” “Não fez?” “O que é que

adianta?” O que adianta é fazer. E quem tem que fazer somos nós todos, nacionalmente, porque não se trata de uma questão política. É uma questão de chances para o nosso país entrar no próximo século com condições de ser um país em que a igualdade exista, em que haja oportunidade para todos e que seja um país capaz de competir num mundo em que é necessário que haja capacitação, desenvolvimento tecnológico, para que possamos, efetivamente, competir e para que cuidemos, efetivamente, da questão social não como retórica, porque, aí, é muito fácil, mas como mudança concreta das condições de vida das pessoas.

E a mudança principal é a educação. Que ninguém tenha dúvida sobre isso. Se nós quisermos um país com menos pobreza, se nós quisermos um país com menos desigualdade, se nós quisermos um país com mais capacidade de se realizar como nação, a variável fundamental é educação, até porque saúde é muito importante, mas sem educação não se generaliza a saúde.

Tudo o mais é muito importante, mas a variável vital, central, é a variável educacional. E eu vejo, com alegria, que o povo brasileiro está entendendo isso. E os setores mais responsáveis do povo brasileiro estão participando desse esforço. Outro dia, eu fui a um sindicato de metalúrgicos de São Paulo e lá havia cursos, não apenas os cursos do Sesi, que são muito importantes, e do Senai, que são muito importantes, mas cursos feitos com os recursos do FAT para retrainar a mão-de-obra.

Se nós não entendermos que, no mundo de hoje, vai ser necessária uma grande mobilidade ocupacional, e no mundo futuro mais ainda, e que, portanto, é necessário aumentar a base da formação, e uma formação mais ampla, mais humanística, se eu puder dizer assim, ao lado da capacidade específica de cada um de nós, não vamos entender as nossas chances de futuro. Muitos sindicatos estão entendendo e estão utilizando os recursos disponíveis para o retraining de mão-de-obra. Eu vi cursos de computação para trabalhadores, alguns dos quais desempregados, para que, por esse mecanismo de retraining, encontrem uma oportunidade eventual e possam, mais tarde, voltar ao mercado em melhores condições, com melhor renda.

Não quero cansá-los com dados, mas recentemente reuni, no Palácio da Alvorada, quatro ou cinco especialistas em matéria de distribuição de renda, de pobreza. Foram unânimes em mostrar, não é dizer, mostrar com muitos dados que a variável que, efetivamente, altera a renda, a distribuição da renda, e diminui a pobreza é a educação.

Não há dúvida quanto a isso. Se nós quisermos, realmente, mudar o Brasil, temos que generalizar o ensino de base, o ensino primário. Quando nós fizermos isso, os níveis de ensino serão empurrados para cima também, porque haverá maior pressão da população para entrar nas escolas. E o curso secundário também terá que passar por uma transformação. E a universidade terá de se abrir para ser capaz de, com sua nova atitude, treinar mais gente, treinar gente com o pé no chão e com os olhos capazes de ver o futuro, porque não adianta nada ter formação boa para o dia-a-dia e não ter a capacidade de vislumbrar o dia de amanhã. Isso só se faz com uma formação que, ao mesmo tempo, implique uma melhoria tecnológica, um treinamento muito específico de cada um de nós, mas, ao mesmo tempo, uma formação mais ampla, que nos capacite a discernir, a escolher, a saber o que queremos, a ter novos valores que possam, então, embasar-nos e motivar-nos para uma vida melhor.

Isso, Senhores e Senhoras, em uma só palavra, é democracia. Democracia sem educação não existe. Crescimento econômico pode haver; desenvolvimento, não. Distribuição de renda não haverá sem educação. Sem que haja uma generalização efetiva da educação nada vai avançar. Compraz-me ver que os brasileiros estão progredindo, e, muitas vezes, sem que ninguém tenha sequer dado incentivo. Quantas pessoas anônimas pelo Brasil afora se matam para melhorar as suas condições educacionais! Quisera eu que as demais profissões tivessem a dedicação que têm os professores, sobretudo de escola primária, neste Brasil afora. Quisera eu que as demais profissões – eu não quero mencionar quais profissões, mas o Governador Marcello Alencar sabe muito bem a quais eu me refiro – tivessem, com o nível de salário ainda tão baixo do professorado, esse mesmo espírito de dedicação. Isso porque ele acredita no que está fazendo, porque tem um sentido de missão, mas isso não

é escusa, evidentemente, para que não se melhorem os níveis de pagamento, até porque o Governo Federal tomou medidas. O Ministro Paulo Renato apontou agora, aqui, que vão, efetivamente, ser melhoradas as condições de vida dos professores do ensino primário das áreas mais pobres do Brasil, que ganham miseravelmente, que, a partir do ano que vem, ganharão um pouco melhor.

Não estou separando uma coisa da outra. Mas, porque desvalorizaram o professor, neste dia, em que universalmente se fala no combate ao analfabetismo, a única maneira é valorizar o professor. E professor no sentido amplo, não só quem está em sala de aula, mas quem tem uma atitude pedagógica. O empresariado, ou os líderes sindicais, ou a Igreja, quando, em uma atitude pedagógica, fazem parte desse corpo imenso de gente que se preocupa, efetivamente, com essas formações concretas, para que nós tenhamos um Brasil melhor.

Agradeço a vocês, porque vocês fazem parte desse exército de gente dedicada, e nós vamos ter um Brasil melhor.

Muito obrigado.

